

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 37 do 1.º Ano

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

Redacção e Administração, Rua de Francisco Agra, 4

Guimarães, 27 de Setembro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade—FAFE

RIDENDO...

O «Equis», perdão, o «Ecos» lá volta com a prosa do D. Paiva I o Couceiro, a cheirar a incursões gafadas e a Traulitanices. Atira-se à política portuguesa, e éle, o que aqui perdeu Vinhas, Valença e Chaves, e que fugiu *valentíssima* e *santamente* do Porto, como qualquer regente de quadrilheiros que pressentem a força ou o degrêdo, diz que «esse Paiz é barco sem leme». Diz «esse Paiz» o que quer dizer que já se considera estrangeiro.

Melhor, melhor, pois bem pouco português se mostra, quem como éle tanto tem atentado contra a sua Pátria, desde 1911.

A eleição de deputados chama éle, uma comédia grotesca, selvática e dissolvente. Ora eu sempre estimava que nos dissesse o que eram as eleições da monarquia, com a Azambuja e com os morticínios de 5 de Abril de 1908, em pleno largo de S. Domingos, em Lisboa.

O homem diz-se scético quanto a realizações benéficas. Por esse lado dou-lhe razão.

Tantas cartadas tem jogado e sempre os adversários a comerem—he os trufos e a ganharem-lhe as partidas!!! Um *azarento* como éle, tem de ser necessariamente scético.

Mas o artigo não acabou, porque o «Equis» á falta de colaboração, tem de estender a massa.

O «Gil Birrento» continua na sua aquela de pretender vigiar as massas operárias com a corrente de látex do sindicalismo orgânico e com os massos de papéis velhos dum tradicionalismo falido, pelo muito que lhe mexem.

O articulista do fundo chega a afirmar que o sindicalismo é quasi coevo da povoação do mundo. Oh homem, tire-lhe o quasi, porque se o Adão e a Eva não se tivessem sindicado, onde é que estariam os homens e as mulheres também? Desses sindicatos, sim, que existiram, e existirão sempre que haja motivo e ocasião!

—O sr. Bento Caldas deixou o Camões e volta-se para a Geração d'ele. Mas você já gerou? Porque não diz antes: *Oh geração do meu tempo!* Assim dá a idéa dum pai a gritar aos filhos.

—O mesmo «Gil Birrento» diz: Queremos uma monarquia, a verdadeira, o rei emancipado da tutela (isto é piada ao D. Manuel por causa da tutela da mamã) que não seja uma figura de ornamento (assim á D. João VI). Diz que não quer a monarquia parlamentar, mas uma monarquia orgânica.

Já sei. O que o homem quer, é papa.

O «Comércio», todo se amofina porque prevê novos impostos. Oh homem lá iremos. Isto ha-de entrar em caminho direito. Todos hão-de pagar o que devem ao Estado, para que o leme da governação siga direito. E creia e tenha a certeza, que o papel de salvar o Paiz está confiado á Republica, e que não precisaremos de Couceiros e de Solaris, e de Baldaques, e de Meudonças para nada.

Lédecé.

Entre dois extremos

Todos os povos da Europa, falidos os partidos políticos que lhe tem dirigido os destinos, encontram-se actualmente entre dois incendios — um da direita e outro da esquerda. Tem de atizar um deles e apagar o outro, ante a impossibilidade de extinguirem os dois.

Vive-se em Portugal na expectativa e já de há muito se veem nutrido receios de duas revoluções diametralmente opostas — a conservadora e avançada.

Com os exemplos da Russia, que, destruindo o antigo império dos czares, implantou um regimen integralmente esquerdista, e o exemplo da Itália, que, aniquilando o anarquismo, já imperando nos seus domínios, estabeleceu pela força uma forma de governo essencialmente conservadora, as restantes nações europeias veem a necessidade que tem de mudar o estado político de agora.

No nosso país, os últimos acontecimentos em Espanha roubaram talvez muito alento á classe avançada, em beneficio de alguma organização provavelmente semelhante ao *fascio*, cujas teorias conservadoras adota.

Livramo-nos de um perigo e já outro se nos apresenta.

Como português, desejaria vêr em Portugal formar-se uma corrente de opinião, forte sincera e desinteressada, que se propuzesse fazer progredir o país sem haver que caminhar para este ou para aquele extremo, muito embora para os grandes males de que enferma presentemente a sociedade portuguesa fossem recitados grandes remédios.

Nem diladura avançada ou conservadora, nem diladura civil ou militar. Apenas um estado médio, um estado de transição que satisfizesse todas as opiniões, deixasse Portugal trabalhar e viver em paz.

Então, desde que todos nos entendessemos, far-se-hia uma revolução sim, mas uma revolução feita por todos, todos os portugueses.

Toda a legislação ou quasi toda, caducaria.

Tudo o que para aí existe de mau, exterminar-se-hia.

Tudo o que para aí vemos pôdre, aniquilar-se-hia.

E depois então, com idéias novas, planos novos, teorias novas, levantaríamos a nacionalidade. E sem disturbios, sem actos fóra da constituição, sem violencias, teríamos conseguido o nosso fim.

Xerxes.

Acusações graves

Acêrca da local que num dos últimos números inserimos com a epígrafe acima, informam-nos de que, procedendo-se a averiguações, o official encarregado desse serviço não encontrou motivo algum para procedimento criminal contra qualquer official, sargento, cabo ou soldado de Infantaria n.º 20, e, pelas averiguações a que procedeu o pessoal redactorial do jornal «A Lanterna», de Lisboa, chegaram á conclusão que a saída de armamento do Quartel do 20, para instrução dos conspiradores monárquicos, teve lugar em data tal, que está afastada a hipótese da responsabilidade dos militares que actualmente ao mesmo regimento pertencem.

Como complemento á ilucidacão que devemos aos nossos estimados leitores sobre este importante assunto, e porque não o fizemos em devido tempo, temos a informar que, logo em seguida á publicação da local «Acusações graves», o digno comandante de Infantaria 20 mandou proceder a um inquérito do qual resultou a transferencia imediata de dois soldados que faziam propaganda monárquica no referido quartel.

Ao sr. Administrador

Dentro em breves dias abrir-se-ha em Guimarães a época das sessões cinematográficas.

O velho berço da nacionalidade não possui, infelizmente, casas de espectáculos com todos os requisitos de modernismo, como seria de esperar do seu desenvolvimento e do publico que frequenta essas casas, que cada vez se torna mais numeroso.

É uma falta lamentavel mas a que naturalmente os vimezanenses estarão sujeitos ainda durante muito tempo, não só devido á falta de iniciativa pessoal que se nota em Guimarães, mas também e principalmente, devido ao preço assombroso a que chegaram os materiais de construcção.

Teremos, pois, de continuar a frequentar as duas casas de espectáculos: Afonso Henriques e Gil Vicente que, francamente, não estão á altura de uma cidade com a importância, movimento e riqueza de Guimarães.

Mas se essas casas não podem oferecer luxos nem comodidades ao público que as frequenta... ao menos que lhes ofereça segurança e tranquillidade, como é justo, razoavel e humano.

A cada passo chegam até nós notícias de incendios em teatros que nos fazem estremecer de horror.

As autoridades tem a obrigação de providenciar de modo a que se tomem todas as precauções tendentes a evitar desastres desta natureza.

A benemérita corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães é digna de todos os nossos louvores, não só pelos belos sentimentos de altruismo que denotam os rapazes que desinteressadamente dão o seu esforço pelo bem público, mas também por ser uma instituição modernizada, bem apetrechada, disciplinada e que não só envergonha a cidade de Guimarães, mas até a honra.

Entendeu essa corporação que devia ser aumentada a quantia que recebia das casas de espectáculo vimezanenses pelo piquete que lhes fornecia durante os espectáculos.

Não queremos *por agora* discutir esse aumento, mas se os empresários dos teatros com éle não concordavam, natural seria que se entrasse em negociações, que inteligentemente dirigidas, dada a lealdade e franquesa que haveria das duas partes, com certeza chegariam a um fim razoavel e justo tanto para as empresas, como para os Bombeiros Voluntários.

Foi assim que se procedeu?

Não. As empresas resolveram dispensar os serviços da Corporação dos Bombeiros Voluntários e assim nós assistimos ao triste espectáculo, impróprio de uma terra civilizada, de os teatros funcionarem sem serem tomadas as devidas precauções contra as possibilidades de um incendio.

Não surtiram resultado algum os protestos de «A Razão», infelizmente quasi desacompanhados da restante imprensa vimezanense. Sómente o «Ecos» nos acompanhou e mesmo esse jornal entendeu não dever tornar ao assunto.

Queremos frisar bem que nenhuma animosidade nos move contra os empresários, de quem somos amigos e que são dignos de toda a nossa consideração, mas também queremos afirmar duma maneira categórica que não será sem o nosso mais violento protesto que assistiremos nesta época a essa falta de Bombeiros durante o funcionamento dos teatros.

Sem que providencias sejam tomadas, não largaremos este assunto que envergonha uma cidade que muito justamente reclama para si fóros de uma terra civilizada.

Mário.

E C O S

Por Espanha

Acaba de se dar no paiz visinho um golpe de estado, tendente à formação de um ministério militar e militarista. Foi seu dirigente e é actualmente o chefe do Governo, o general Primo de Rivera, que afirma não querer ser politico e deseja no fim de 3 mezes entregar a governação publica a quem de direito.

Se é assim, a que se destina a organização dos *somatenes*? Não oferece o exercito espanhol, a força sufficiente para o ditador poder governar?

Bem nos parece que este oppressor é tão bom como todos os outros e que na impossibilidade de desde já mostrar claramente os seus designios, vai fazendo interessantes declarações com o fim de *épater le bourgeois*.

Diz o *Camareiro* no «Noticias» que por Portugal vai aparecendo, não um Primo de Rivera, mas sim uma ribeira de Primas.

A vêr... vamos, apesar de que em vez de Primas, preferiamos *Primas*...

Seria uma oppressão mais interessante. Não acham?

Para que se saiba

Tendo-nos constado que alguém dissera que os factos passados na administração do concelho, e que nos levaram a aconselhar o sr. Almeida a ir para regedor de S. Miguel, nos haviam sido relatados por um funcionario dessa administração, aqui declaramos não ser verdade.

Infelizmente, muitas foram as pessoas que presenciaram a scena e entre ellas um colaborador da nossa gazeta.

Havia de ter graça?

Consta-nos que a nossa attitude desassombrada perante o *sôr Almeida*, administrador cá do burgo, causou engulhos a muita gente e até ouvimos dizer que alguém, muito exaltado, opinava:

— «Querêla-se «A Razão» ou... suspêde-se».

Devia ter muita graça. Nós seriamos os primeiros a bater palmas, quando vissemos que a *«A Razão»*, que aliás se fundou, por em Guimarães não haver autoridades capazes de pôrem cõbro à linguagem despejada e ultrajante dos jornais monarchistas...

— Havia de ter graça!

Capitão Matos Mergulhão

A seu pedido foi transferido para o R. de Inf. 2, aquartelado em Abrantes, o nosso particular amigo e presado assuante, capitão *sôr Bento Freire de Matos Mergulhão* que serviu no nosso regimento e que aqui grangeou inúmeras simpatias.

Os nossos cumprimentos e felicitações.

Gazetilha

Seguindo o exemplo

Noticiava o «Janei» que um indivíduo em Lisboa tinha pedido a Santo António para lhe fazer o milagre de apanhar a sorte grande. Apanhou a talud num quarto de bilhete e fez uma festa ao santo e deu 500 escudos para os pobres.

Vendo falta-lhe o dinheiro, A um santinho milagreiro Foi um Job pedir ajuda; Porque ao jogar na lotaria, Do santo se socorria Para lhe sair a *taludka!*

Santo António, comovido E aliás bem convencido Da sua sinceridade, A prece lhe deferiu E o homem depois se viu Livre da necessidade.

Pois eu estou como o tal Job! Nas aljabras nem há pó, Disso faço juramento. Vou pedir a Santo António, Que das garras do Demónio. Me livre meu vencimento.

O outro fez-lhe uma festa E inda mais, além desta, Depois de se vêr com os *cobres*, P'ra lhe não terem inveja, Deu dinheiro na igreja, P'ra distribuir pelos pobres.

Nada tenho que lhe dar!!! Mas, enfim, p'ra lhe provar Toda a minha gratidão, Já que festa lhe não faço, Mandar-lhe hei um abraço E mais um chiborção.

Se o S.^{to} achar que é mesquinha Esta paga pobresinha, Já sei que é fraca a resposta; Mas vai vivendo da esperança, Do Santo ter dêle lembrança O encravado

S. Costa.

14/9/923.

CARTEIRA

Em virtude da siadancia a que ultimamente se procedeu na comarca da Povoia de Lanhoço, foi suspenso por dois mezes o Juiz de Direito, sr. dr. Afonso de Gouveia Pinto de Mascarenhas e por quatro mezes o nosso conterraneo e presado assuante, sr. dr. Jerónimo Martins da Rocha, que ali exercia o cargo de Delegado, sendo em seguida transferido para a comarca de Vila Nova de Cerveira.

Para o nosso presado colaborador e particular amigo, srr. Tenente Gervásio Campos de Carvalho, foi há dias pedida a mão da Ex.^{ma} Srr.^a D. Maria Amélia Cunha, prendada senhora da visinha vila de Fafe. As nossas felicitações.

De visita à sua Ex.^{ma} Família, partiu para Ponte do Lima, em companhia de sua Ex.^{ma} Esposa, o nosso presado colaborador e amigo, sr. Tenente Heitor Ribeiro d'Almeida.

Entrou em gôso de licença o nosso correlogonário e presado assuante, srr. José Ribeiro Gomes, muito digno secretário da nossa Administração.

Guimarães... civilisada

(Crónica semanal)

Estando muito em vôga os abalos sísmicos ou tremores de terra, Guimarães como cidade civilisada tinha direito a experimentar destes achaques.

E digo direito, porque embora longinquamente elles se manifestem, é rápida a sua propagação e a sua velocidade vai variando conforme a natureza dos terrenos, acentuando-se mais naquêles de estrutura granítica.

Ora em Guimarães tudo cheira a granito; quer seja a sua população, a natureza do terreno, quer seja a própria cidade. Indubitavelmente que, pela teoria acima exposta, deviamos presenciar êsse espectáculo, novo para nós, e que no fim de contas se tornou original como todas as coisas desta soberba e única terra.

O meu microsismógrafo já o havia revelado; e quando supunha ver uma Yokooama em miniatura (vítimas aos centos e destroços a granel) sai-me, como no mous parturicus, uma insignificancia tal, que faria rir o rosto mais fundibulário:

escadas exteriores desaparecerem pela terra dentro!...

Eu aprendi que os abalos sísmicos se manifestam numa determinada extensão e se produzem de 3 maneiras: horisontal, vertical e ondulatorios.

Agora, só nos lugares em que ha escadas exteriores e com o único fim de pôr mais amplos os passeios, é a primeira!...

E o meu microsismógrafo a registar novos abalos...

Estou a vêr que nas Dominicas e ao fundo da rua 31 de Janeiro, Igrejas do Carmo e do Campo da Feira, vai succeder o mesmo que à casa da «Havanês» e do «Lobo, caldeireiro».

Cá por mim, não digo nada... Ele sempre há coisas!... Até parece o bandarilheiro R. meter um ferro na testa do garraio.

E' verdade; por falar em garraio. Em Guimarães já temos um Hipódromo, quer dizer, uma Praça de Touros.

E que monumental estreia!... Pegas de rabo, sorte de gaiotas, corpos doridos e calções rêtos.

Qual Jorge Cadete nem qual Teodoro dos Santos?!

Mazantini, convencido esteu, era um leigo.

Até tenho a impressão de que os afeccionados vimaranenses nunca viram o trabalho de um diestro!?

Aquilo devia ser uma imitação da escola... «Charlot na Carmen», ou então... Futurismo.

Araduca.

P. S. — No último número safu um *antesologista* em vez de *mesologista*.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DE GUIMARÃES

(CONTINUAÇÃO)

Fabrica de Tecidos e Tinturaria de José Luciano Guimarães & Filhos

Artigo sobejamente conhecido, que podemos considerar bom, ou não fosse o diploma da Exposição de 84 um bom attestado e a melhor garantia do fabrico exposto.

António José Lopes Correia & Filhos

Fabrico de tecidos de algodão. Riscados e outros artigos que bem merecem a nossa admiração e os nossos elogios.

Augusto Pinto Lisboa

Fabrico de cobertores de lã e de pentes para teares.

Viuva de José Joaquim da Cunha

Fabrico de lenços de bolso, artisticamente dispostos numa caravela. Artigo bem acabado, atendendo á qualidade.

SECÇÃO DD

Calçado e Tamancaria

Impressão duma feira minhoto, onde os largos toldees põem uma nota agradável.

Eugenio, Martins & C.^a

Importação e Exportação de calçado. Artigo de acabamento completo, em carneira, chevreux e vitela. Bom nome para a terra e orgulho para a firma expositora.

Machado & Pinto, Sucessores

Outros que devemos mencionar, tal a obra que apresenta e variedade do artigo em questão.

Antonio Antunes de Castro, João Alves de Almeida Araújo, José Antonio Pereira e José Maria de Campos também são dignos das nossas felicitações.

José Luciano da Costa

Ficou para fim, porque apresenta um artigo de tradição e que gostamos de vêr ali exposto: as chinelinhas graciosas que são ainda o luxo das costureiras.

Fiação e Tecidos d'Algodão e Malhas

Ao entrarmos neste salão, convencidos ficamos de que realmente a nossa Exposição Industrial é uma coisa grandiosa, tal a imponencia dos *stands* ali dispersos. Esta secção bem merece as nossas mais elogiosas palavras porquanto a boa arte, o bom regionalismo e o bom bom fabrico predominam; o gosto e o desejo ardente de con-

tinuar a obra iniciada em 84, ali se sintetisa; a vaidade (que nos invade a todos nós, filhos de Guimarães) expande-se na contemplação daquele conjunto multicolor que quasi nos embriaga e nos deixa momentaneamente extáticos.

O «Castanheiro», o «Bento Santos Costa», «Fábrica do Pisão de Cunha Guimarães», «Avenida & Campelos», «Vila-Flor», «Empresa Fabril de Vizeira», «Minhoto», «Moinho do Buraco», e «Arquinho», mais não podiam elevar-se nem de melhor maneira honrar a sua terra, a Guimarães do trabalho — orgulho de Portugal.

E na contemplação destes *stands*, tam belos como grandiosos, o espanto crescendo num começo de cyclone, abre-se num demorado ah!, como que dizendo: honra ao titânico esforço da Associação Commercial, á sábia arte de José de Pina e aos expositores da secção de fiação e tecidos d'algodão e malhas.

SECÇÃO V

Couros

Outra das grandes secções que nós devemos destacar. Indústria de grande nomeada, ella é de sobejo conhecida que escusado será o reclame ou o elogio.

Os couros de Guimarães! Mas, onde desconhecidos?!

Indústria de grande desenvolvimento, dizer o que ella é, pode considerar-se uma afronta á própria industria.

Chamar-lhe orgulho de Guimarães, para quê?

Pois se ella o é já de datas remotas...

Expositores: Simão Ribeiro; Alvaro e Antonio Pinto Leite; Teixeira de Carvalho; Joaquim Luciano Guimarães & Filhos; Julio Ribeiro da Silva; F. J. R. & C.^a, Limitada; Empresa Industrial de Guimarães, Limitada; José Torquato Ribeiro Junior; António Nicolau de Miranda; Antonio José d'Oliveira, Filhos; Francisco da Silva Guimarães & C.^a, Limitada; Fábrica de Goumes da Madroa; José Maria Leite, Limitada; José Antonio de Castro; João Paulo da Silva, e José Caitano Pereira.

N. R.—Na Secção EE de Calçado de luxo, esqueceu-nos a firma Aureliano Fernandes & Marques, Sucessores Limitada, que na verdade, apresentou artigos bons e a quem devemos tecer os maiores elogios.

FIM

Ex.^{ma} Srr.